N.º 23 (145) — 3.º ANNO | Terça-feira, 18 de Abril de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

O' preto, ó preto
Lá no sertão
Jogando as cartas
No meio do chão.

Real senhor ia passando
Encostado á bananeira.
Diz o preto para a preta.
Está bonita a brincadeira.

SILVA E SOUZA

UM MARINHA', QUE AMARINHA

Numero especial

Homenagem ao illustre ministro da Justiça sr. dr. Affonso Costa.

O proximo numero de O Zé é dedicado ao grande estadista que sobraça a pasta da Justiça. Em pagina central publicar-se-ha uma magnifico retrato do distincto cidadão a que prestamos homenagem e a 1.ª e 3.ª são duas excellentes caricaturas referentes á separação da Egreja do Estado. Na parte litteraria inseriremos prosa de distinctos jornalistas extrangeiros, entre elles de D. Fernando Lozano director de Las Dominicales de quem já recebemos o original, do dr. Bernardino Machado etc esperando ainda que os srs. ministro da guerra e ministro das finanças, João Chagas e muitos outros nos remettem tambem original.

Publicar-se ha este numero na futura terça-feira 25.

A Semana Santa

O' Christo olha para m'isto!

Que desolação, que tristeza, que falta de fé eu notei este anno por esses templos! Pouca gente na rua, poucas amendoas, poucos namoros, pouca crença em summa. Oh! os outros annos, os outros annos! Como a egreja era florida e bella! Que de admiraveis provas de fé christã, o bom povo e principalmente o burguez, dava! Elle era o fato preto, as lojas fechadas, o apalpão na egreja o namoro certo para a filha, a boa venda de amendoas, sobretudo a boa venda de amendoas O' religião como tu eras bella! E vieram os impios e tudo acabou!

As egrejas estão quasi despejadas! Pudera!

As aristocratas não vão lá, porque os amigos dos seus maridos estão em Vigo a *ares*.

As meninas não vão lá, porque as lojas não fecharam e os seus Anastaceos tiveram de ficar com os patrões.

As mamãs não vão porque este anno ainda não teem fato preto, visto que o governo tirou 3 dos empregos aos maridos, e só com um, não se póde viver.

As creadas não vão, porque o governo não mandou para lá, este anno, aquelles marciaes, de pera crescida e por crescer, que explicavam por onde era a entrada e a sahida.

E é triste assim a egreja!! Aquelle ar tão bello de hypocrisia que lá se respirava não está completo. Falta-lhe o que temos dito! Foi a descrença que lá entrou! Foi o governo, sempre o governo, o maldito governo que tendo dado cabo de varias egrejinhas parece estar disposto tambem a dar cabo da Egreja!

E, no entanto, a religião é tão precisa! Senão vejam.

Como se hão de casar aquellas meninas palidas da Rua dos capellistas e dos Fanqueiros que moram em quartos andares?!

Como se hão de tornar afamadas as modistas que confeccionam os vestidos pretos para as Donas Quiterias, se não houver aquella velha crença que levava toda a gente á Egreja?!

Como hão-de os medicos ganhar a vida se não houver bastantes indisposições, causadas pelas amendoas pintadas, preito singular consagrado á memoria do martyr de Golgottá?!

Velha crença como tu és precisa! E como tudo está mudado! Oh Tempora! Oh Mores!

*

Antigamente, logo pela manhã ia um reboliço por todas essas casas. Os papás punham fato preto e dispunham-se a comprar umas amendoasitas. Dava-se licença á Maria para ir *ver as egrejas* porque emfim ella tambem era catholica e avisado o filho que se ia jantar ao Leão d'Ouro, e que estivesse lá ás 6 horas, punha se tudo na rua. As duas mais novas iam muito alegres pedindo com instancias para ir a S. Julião onde lhes constava havia melhores rapazes e mais gente. A' mais velha era indifferente porque o namoro, o barbeiro de defronte, segui l'as-hia com certeza. Ia muito satisfeita pois o fato preto ficava lhe muito bem visto ser loura.

E, ás duas saiam. Visitavam S. Justa, o Soccorro, Magdalena, S. Julião, Sacramento, o Carmo e o Loreto. Viam as montras e criticavam muito, um sugeito que passou de gravata branca. Que falta de religião! De gravata branca na semana santa! Divertiam-se muito; na Graça, porque tambem foram áquelle Senhor dos Passos que está sempre de pé atraz com todos e tinha tres pés, um para uso particular das Magestades, na Graça diziamos nós, encontraram as Silveiras que vinham a chorar d'um sermão. Confidencialmente a mais nova das filhas disse a uma das Cunhas que fôra um apalpão com mais força que a magoára.

E toda aquella gente tinha fé, tanto que iam para lá quasi todos dar fé dos fatos dos outros, tanta tinham. A' noite beaticamente iam ao Music-Hall ver a *Vida de Christo*, contendo a morte e a resuscitação, explicada e fallada, por quatro vintens para as cadeiras. E todos viviam felizes n'este dia consagrado á fé christã!

E, á noite em dialogo conjuge poder-se-ia ouvir:

— Então não veiu nenhum?

— Qual; bem apalpavam, mas parece que as irmãs tinham melhor ora os tolos!

— Talvez p'ró anno pegue. Has-de ver se fazes as pequenas comer. E o Carlos, onde foi?

— Não o vi toda a noite; no entanto elle diz que foi á Encarnação! Estava tanta gente!...

*

Tudo acabou! O catholicismo deu as ultimas. Sem brilho sem fé, sem devoção a semana santa decorreu sem darmos por isso. No emtanto, a chuva regou bem os bons catholicos, visto que elles hoje em dia nada mais fazem do que *pedir chuva!*

Lisboa

Eu proprio

SONETO

(A um maluco)

Com a mulher do amigo Zé das Iscas
jogava o bom amigo Abel Lantroscas
e—pois se este negocio tu bem toscas—
o Zé com a do Abel jogava as biscas.

«Vê se os olhos, menino, tu bem piscas»
—dizia o Abel, o typo mais «viroscas»,
muito dado a amanteticas maroscas—
«Vê lá se a dar os trunfos tu te arriscas...»

Mas um dia houve lá grandes fiascos,
porque o Zé viu tomando os seus refrescos,
n'um d'esses alcunhados reles tascos,

sua mulher c'o Abel em pinturescos
modos de quem já esvasiou seus frascos,
e a cabeça lhe enfeitou com arabescos!...

Coimbra (arrabalde)

Gêpe

Ferrer

A Hespanha vive ainda sob a velha Inquisição, dando mais attenção ao que diz o padre do que ao progresso da sciencia. Assim os seus caminhos de ferro são obra de extrangeiros, a sua agricultura completamente entregue á rotina do povo. Um paiz exhausto, enfermo, decadente. O jesuitismo minou-a até aos seus alicerces e ella trepida oscillante.

«*Nós vamos rio abaixo, inertos e sem forças; se avançamos é por causa da corrente e não pelo nosso vigor*» disse Blasco Ibañez. E tudo isto porquê? Porque o povo vive sob a pesada noite do velho catholicismo hespanhol, o catholicismo de Torquemada, Ignacio de Loyola e Molinos confiando mais na resa e na chuva do ceu do que nas conquistas da sciencia.

O ultramontanismo é a causa das desgraças da Hespanha. O culto e não a raça é a causa de inferioridade ou superioridade de um povo.

Assim n'um paiz em que domina o padre, douninha que sob uma apparencia modesta, vae a toda a parte, come, cheira, suja e segue com ares de innocencia como se a sua vida fôsse constituida por bellas acções e virtudes, nós não nos admirámos quando soubemos que fôra regeitada a revisão ao processo Ferrer.

Era logico. Ferrer morreu porque a sua obra era profundamente libertadora de consciencias, porque ella levava a luz a muito espirito que de contrario não a alcançaria. Ferrer foi assassinado porque a egreja, o catholicismo hespanhol o odiava.

A egreja não quer o povo instruido e Ferrer via que na instrucção estava a libertação do povo. Para a egreja o povo mais puro e santo é aquelle que mais ignorante fôr.

Prinelli por affirmar que as estrellas não cahiriam foi vergastado; Gallileu foi obrigado a desdizer-se. O papa Bonifacio VIII prohibiu aos estudantes de medicina a dissecação dos corpos por causa da resurreição dos mortos; no concilio de Tours em 1163 prohibiu-se a leitura de livros de phisica e no de Toulouse em 1229 a propria Biblia.

O estudo da chimica foi prohibido pelo papa João XXII. Colombo, Pascal, Montagne não foram todos perseguidos pela Egreja?

Ferrer não podia fazer excepção.

A Escola Moderna aterrorisava o catholicismo e este assassinando Ferrer julgou inutilisar a sua obra. Puro engano.

Giordano Bruno foi queimado em 17 de Fevereiro de 1600 por dizer que a terra girava em volta do sol contra a lêtra da Escriptura que diz *que a terra está parada* e hoje ninguem nega o que elle affirmou.

Pobre Ferrer!

Eurico Zuzarte (Leão Grave)

Não se necessita inventar deuses quando se conhece o dever, e, sem duvida, é melhor illustrar os povos do que deslumbra-l'os. Os que tomam este encargo sobre os hombros, são dignos de toda a admiração da gente honrada; porem em toda a doutrina que reivindica o futuro ha sempre apostolos e martyres.

Carmen de Burgos (Colombine)
Eminente escriptora valenciana.

E' tão honroso viver perseguido por propagar a Verdade, como vil e iniquo é viver perseguindo para defender a Mentira.

Soledad Villafranca

Casos bicudos

Os srs. sabem que d'antes a maioria do pagode não pagava contribuições de renda de casa.

O ricaço, o politico, o conselheiro, o aristocrata, nem é bom fallar n'isso... Não pagavam porque eram lá da panelinha e para amigos mãos rotas; o pobre, o trabalhador de enxada, o operario, o trabalhador da penna, o empregado no commercio e o amanuense encravado, esses não pagavam, porque havia quem se lhes promptificasse a atabafar a coisa mediante uma pequena gorgeta.

Assim se passou a vida durante os bellos tempos da dominação monarchica.

Ninguem pagava a contribuição, a maioria do pagode não dava para lá nem cinco réis, e assim é que a coisa ia bem, porque a monarchia era uma ladra impenitente, uma sanguesuga que nos tinha chupado até aos ossos, e o pagode não fazia mais que o seu dever em a desfalcar, porque —quem rouba a ladrão tem cem annos de perdão.

Todos devem concordar que não era *crime*, mas sim *direito*, a gente livrar-se como podia de pagar uma contribuição, que não era contribuição, era um roubo, como são afinal todos os impostos exagerados e lançados com pouca parcialidade.

Devem convir que aquillo era a contribuição mais infame que sobrecarregava o pobre.

Tão infame que com uma lei d'aquella ordem, não se sabia como se havia de viver: se se tinha casa pagava-se contribuição, alli como um catitinha; se não se tinha casa, chamavam-nos vadios e ameaçavam nos com a costa d'Africa, como se não bastasse «esta costa d'Africa da vida»!

Segundo o «Mundo» dizia ha dias, o governo está na bôa disposição de terminar com esta marotice. Ora sendo assim eu não comprehendo porque rasão, andam agora a citar para pagamento de decima em divida, algumas pessoas, que se não pagaram no tempo da monarchia, foi porque não tinham posses para estar de bolsa aberta a todos os assaltos dos ladrões auctorizados!

Os srs. sabem como d'antes se fazia a tramoia. Vinham a nossa casa uns cavalheiros que se governavam muito bem, e mostrando-nos um aviso, diziam-nos em segredo, que alli para nós tudo se arranjaria.

Havia de se abafar tudo, estivessemos descançados, que não havia novidade! Era questão d'uns cinco ou dez mil réis e estava tudo sanado...

Pois agora esses cavalheiros que são os verdadeiros ladrões do Estado, duplos ladrões, porque roubavam este e o povo, empregados do estado que o estado roubavam, funccionarios pagos pelo publico que o publico roubavam, voltam agora a entregar as contra-fezinhas, escriptas mesmo a lapis, citando os individuos a quem d'antes elles exploraram desvergonhadamente!

E quem sabe se veem outra vez resolvidos a fazer a mesma maroteira!

O que é precizo é que o sr. Relvas olhe para isto e se está resolvido a acabar com tão infame contribuição, deixe de citar as pessoas que não pagaram no tempo da monarchia e que não teem agora por onde pagar, algumas das quaes eram excessivamedte oneradas nas contribuições por vingança politica dos bandoleiros do regimen liquidado.

*

Quer saber aqui o cidadão M. P. quando é que os poderes se resolvem a tratar a serio da questão da papinha barata, tabelas baratas para as carnes, peixe barato todo descarregado, azeite barato, etc, etc, etc.

Nós não somos *adivinhos* illustre cidadão. Por mais que a gente tenha querido adivinhar quando è que isso acontecerá, não somos capazes.

Inda havemos de ir um dia consultar aquella *madama* da rua do Carmo a ver se ella nos põe esse caso bicudo em pratos limpos!

A gente chega a julgar que a republica não se proclamou, que isto foi engano nosso; abatem uns contozitos no imposto do consumo e elles vão direitinhos á algibeira dos exploradores da pobreza do povinho, que são os maiores thalassas d'este mundo. A carne congelada e a verde está pelo preço que nós sabemos, e cada quarta de carne traz meia de osso. O azeite está caro como burro e o governo se ha-de tratar de resolver o assumpto depressa, anda a fazer perguntas e consultas, se ha-de mandar vir azeite de Hespanha ou não, como se isto da barriguinha fosse coisa para demoras. Emfim a vidinha está como se está vendo e eu não ponho mais na carta.

*

Os 600 contos que o governo abateu no imposto do consumo—diz-nos aqui o azeiteiro do lado —estão a cantar muito bem caladinhos no bolso dos lindos exploradores.

Pois amigo, o governo para abater esses 600 contos fez um sacrificio de todos os demonios.

Nem você calcula!

Não poude abater mais mas no ministerio da guerra augmentaram-se as despezas em mais de mil contos que assentavam no imposto da fome como os *carimbos* de borracha assentavam no tempo da monarchia... é verdade, mas então que quer você? O ideal dos patriotas é este; ministerio da guerra com bastante despeza, o exercito bem armado; a marinha a par da armada das grandes potencias; exercito forte, armada aguerrida, tiros, bravatas, salvas, expedições... e a barriguinha a dar horas!

Santo ideal este patriotismo...

*

Um *camarada da fita*, acha triste que n'um paiz em que ha tanto a fazer em favor das classes trabalhadoras, haja quem se ande a incomodar, a pensar em quem será o futuro presidente e outras *baboseiras* como esta, e pergunta que democratas serão estes que só em tal pensam.

Olhe camaradinha esses são aquelles democratas amigos da Liberdade que teem em casa gaiolas com passarinhos presos. São esses.

VIU-SE GREGO.

N.m B. ó meus senhores—Entre outras gralhas de somenos importancia ha a trocar no artiguelho «A Gréve» do numero passado, *otupia* por *utopia*, e *gastromonos* por *gastronomos*.

A culpa foi do revisor... que fui eu mesmo!

Voz do Povo

Mataram-no!... morreu!... O mundo inteiro agora
Revolta-se e protesta; a humanidade córa
De pasmo e de vergonha!... E' tarde p'ra acordar!...
Mataram-no!... morreu!... deixaram-no matar!

Elle era justo e bom, o impavido soldado
Da milicia do Bem!... talvez um revoltado...
Mas revoltados são, nimbados pela gloria,
Com seu altar de luz no Phantheon da Historia,
Jesus e Galileu, Zola, Moisés... Danton!
...Porque o mataram pois, se elle era justo e bom?!

Na lucta de ideaes, funesta mas sublime,
Ha menos um herόe... e mais um grande crime!
Mataram-no! e comtudo, o tôrvo fanatismo
Não póde macular-lhe a aureola de heroismo
Onde o progresso humano há-de apontar um dia,
Em vez de um criminoso, um martyr da alforria!

Que bravo defensor o povo ali perdeu!...
Que bravo defensor!... mataram-no!... morreu!

FELIX BERMUDES.

Feliz Ferrer! Feliz sim! porque foi util até na morte quando a tantos custa a sêr util na vida.

José do Valle

Vem de là isso, ou quê?

O' meninos, então as coisinhas para a barriga abaixam os preços ou não abaixam?

Ai, que a gente d'aqui a nada escama se e começa a chamar thallassa a isto tudo!

— Terem acceitação entre os *machos* as saias calções das *femeas*.

— O Pae do Céu deixar de fazer partidinhas ao nosso amigo Albino José Baptista, para elle não dar tourada.

— Abrirem as Constituintes para Abril.

— Os srs. industriaes typographicos deixarem de ser os mais alentados casmurros, que Nosso Senhor foi servido deitar ao mundo.

— Haver de futuro uma peça no Theatro Nacional, que não seja do sr. Faustino da Fonseca.

— O sr. Marquez de Franco deixar de trazer pasteis de nata nas algibeiras.

— Crescer mais um palmo o galucho *Zé Ilheu*.

— O sr. dr. Brito Camacho comprar um chapéu novo.

— A estrella da companhia dos pretos deixar de ser a D. Fernanda.

— Da pitorra do *Zé Pimenta* sahirem «impossiveis» que não sejam... *pacholas*.

— A companhia dos electricos mudar as bandeiras «Principe Real».

— «O Radical de Setubal, dizer de onde tirou a sua secção com o titulo acima.

— O sr. Guerra Junqueiro partir para Berne.

— Idem aspas o sr. João Chagas idem aspas Paris.

—Os padres pregarem quando o Augusto José Vieira lhes diz que os ouvirá para os contradictar.

— Acabarem os boatos terroristas .. que não aterram ninguem.

— «O Popular» deixar de pretender ter graça.

— Os livros francezes deixarem de sêr o manancial inexgotavel de muitos humoristas da... trama.

—O sr. Couceiro não sêr o S. Salvador da thalassaria.

— Os meninos da alta serem um poucochinhos mais bem criadinhos.

— Nós dizemos tal sem termos as nossas razões.

— O «Benevenuto» sêr bruto.

— Haver uma bandeira verde e vermelha mais pachola que a da «Agulha em Palheiro».

— A companhia do Gaz entrar na ordem e não explorar tanto os consumidores com a historia da agua nos contadôres.

— Acabarem as mensagens de felicitação ao governo.

— Haver pão molle ao domingo á tarde.

Ora bolas!

Afinal para que foi que o governo perdeu aquelles 600 contos que abateu no imposto do consumo, foi para irem para as algibeiras dos especuladores?

Bonita medida para beneficio dos açambarcadores! Elles que lhes agradeçam que o Zé cá anda á divina como dantes!

O POEMA DA RUA

XIV

Em que o auctor (depois de ter encontrado um gallo morto e de ter assistido á agonia d'um gato) encontra um cão tambem morto e lhe consagra o soneto que vae ler-se, recordando-se dos versos magnificos:

«Era um cão ordinario, um pobre cão vadio,
Que não tinha colleira e não pagava imposto»

O' *Fiel* de Junqueiro, ó alma ingenua e pura,
E há quem ouse chamar-te ó cão, irracional'?
Tu que incarnas o Bem, tu que odeias o Mal,
Que excedes em talento a humana creatura!

Um pintor te lançou na immensa sepultura
Das aguas; e voltaste, ó soberbo animal
A trazer-lhe o seu gôrro,—uma lembrança ideal
Morrendo p'lo dever, heroico na ternura!...

E's nosso companheiro, ingenuo, agradecido,
E nós--que ingratidão!--corrêmos-te á batata(*)
Se te vemos doente, ó cão incomprehendido!...

Ante o cadaver teu me curvo n'esta data;
E ao dizer-te um adeus tristonho e compungido.
Se não te aperto a mão é porque tu tens pata!..

(*) Este verso suppõe que o leitor e eu, ao sairmos para a rua trazemos um kilo de batatas em cada algibeira.

Necessidades da rima. Queira desculpar e não se esqueça das batatas...

VISAO ATTERRADORA

Covardes. Como vós tremeis ao ver a sombra do ente que assassinastes.
Justiça será feita, não perdeis pela demora.

Bojardas & Piadas

As pantufas da Virgem.

Como toda a gente sabe ainda ha *santas terrinhas* onde a padralhada quer poder alguma coisa e o consegue. Pois n'uma d'essas térrinhas houve um anno uma falta d'agua nunca vista. Na dita térrinha havia uma capellinha com a respectiva imagem da Virgem, feita em magnifico pinho da fazenda do ricaço de lá e com um manto bordado a ouro cuja posse era o ideal de muito camponio. Quando foi da falta d'agua houve lá missas, sermões e procissões que parecia não têr fim e á mistura a sua cabeça rachada.

Os fieis enchiam o templo todos de joelhos rezando com fervôr e os presentes á Virgem por terem cahido uns borrifitos d'agua n'uma madrugada eram de se lhe tirar o chapéu. Brincos d'ouro, pulseiras, meias de sêda, cordões de ouro, etc. etc. Porem o que mais chamava a attenção era um par de pantufas bordadas a ouro chegando a vir gente das aldeias mais distantes para vêrem as sobreditas pantufas. Entre os crentes mais assiduos chamava as attenções do *sôr* priôr um rapaz dos seus 20 annos, rosto oval, cheio, alto e desempenado que desde que abrira a capella até fechar não se tirava do altar, sempre rezando senão para comer.

Um bello dia uma das pantufas—.. deu-lhe um ar!!! Grande zaragata quem foi, quem não foi, todos pretendiam apanhar o ladrão mas ninguem o conseguia por ignorarem quem o fôsse.

O *sôr* prior desconfiava do sebozo crente mas não tinha animo de lhe fallar sobre o assumpto. Todavia communicou ao regedor que suspeitava do rapaz e este chamou-o á sua presença.

—Parece que tu roubaste uma pantufa á santissima Virgem?

—Credo, Virgem Maria, ... Santissima Trindade. E o camponio benzeu-se trez duzias de vezes.

Volta o regedor—Vá la homem confessa: a pantufa estava lá tu fôste rezar e ella desappareceu: como se passou isto?

—Mas ella está em meu poder. Diz o camponio eauzando ah! entre os assistentes.

—Então sempre roubaste?

—Isso é que nunca, *sôr* regedôr.

=Como assim?

—Eu rezava á Virgem e fui-lhe dizendo que eu era muito pobre, que amava muito uma cachopa e que ella fazia annos em breve e nada tinha para lhe dar. Então a Virgem estendeu-me um pé e disse. Leva esta pantufa que não me serve de nada e a ti de muito servirá. Obedeci e trouxe a pantufa que possuo ainda.

O regedôr pensou, pensou o que tinha a fazer e finalmente disse:

—Pois bem. Se a Virgem te deu a pantufa guarda-a bem, porem se tu lhe acceitares a outra vaes passar uns tempos á sombra.

....

E lá ficou o rapaz tramado sem presente para a noiva.

Zé Pimenta (E. Z)

Secretaria do meu quarto á uma hora da madrugada de 13 de Abril de 1911.

Epigrammas

(de Viu-se Grego)

I

Entre o Camacho e um seboso
Tanta parecença eu acho,
Que, ou o Camacho é seboso,
Ou é seboso o Camacho.
(ora toma!...)

II

Quando a velha Eternidade
No ministerio passou
Foi pedir ao pae Theophilo,
— Sua benção meu avô...

III

Vendo o chapeu do Camacho
Tão limpo, que maravilha!
Ouve um droguista que disse
— Appliquem lhe uma pastilha!

Pobrezinho

Em Bragança inda lá estão os aposentos que estavam preparados para a visita do D. Manuel.

Coitadito, que saudades elle ha-de ter da sua patria, agora que está n'um palacio que tem de pagar com lingua de palmo!

Coitadinhas

Um camaradinha do jornalismo acha triste que a monarchia e a Egreja cahissem abraçadas.

Querem ver que é capaz de chorar com pena d'ellas!

Que o bacalhau e o toucinho
O azeite, a carne e o vinho,

O arroz e o macarrão,
O sebo d'Holanda (¹) e o pão,

O assucar e o café,
O tromoço e o burrié,

O carvão e a «caraqueja».
E o sangue para a «muleja»,

A farinha e a tapióca.
Tudo o que faz mandióca,

Tudo o que faz a papinha,
Para a nossa barriguinha,

Tudo o que nos é preciso
Bem mais que o tal *paraizo*

Promettido p'lo padreca
Lá no ceu a quem não peca;

Essas coisas de trincar
Como o peixe do alto-mar,

Os bezugos e as pescadas
Nem sempre desembarcadas,

O goraz para fritar
E a sardinha para assar,

Irozes p'ra tigelada,
E lulas p'ra caldeirada

Cachucho e viva da costa
(De que a gente tanto gosta!)

Tudo isto que é divinal
E forma o nosso ideal,

Nossa esp'rança, nossa fé,
Vendo o Zé,

Que passa fome;
Tudo isso que a gente come

(Ou antes que os outros comem)
Coisas precisas ao homem

Inda antes que a instrucção,
Que essa só depois do pão;

Essas mil coisas de apreço
Petisqueiras divinaes
Pão duro, feito de gesso,
Margarina de animaes,
Podem subir, reconheço,
Mas baixarem do seu preço
Isso nunca, nunca mais!!

(¹) a manteiga.

Jose Carrapeta — Amiguinho Carrapeta, a sua carta não vae porque está escripta dos dois lados e a gente não tem vagar nem paciencia para estar a copiar a sua litteratura. Das duas bandas não pode ser... Escreva só d'uma banda, d'uma banda só!

Pardiello — Cá vae o ultimo do «Poêma» seu solitario. Encontrámos hontem uma gallinha morta; pede se uma elegia por obsequio. Morreu de paixão por um *Chantecler* ingrato d'uma capoeira da R. do Olival.

Bôa-vida — O C. nunca mais nos deu os sonetos. Mande o amigo o que quizer, piadinha politica, e verá como estamos á suas *ordes*.

Gepe — Sonetos, sonetos amigo Gepe cousas pequeninas, mas a legua da Povoa não cabe cá.

Ahi seu propheta!

Diz um jornal que muitas vezes prophetisou a ruina dos *firmes alicerces do catholicismo entre nós*.

Como se a queda d'uma religião fosse coisa que um homem podesse prosphetisar e assistir á sua ruina!

Ora o propheta...

Vou causar grande furor
Co'a linda saia calção.

GLOSA

Não temo o fero rancor
Dos mais alegres trocistas,
Pois embora dê nas vistas
Vou causar grande furor.
Cumpro a moda com rigor
E se vir que ha mangação
Digo a qualquer refilão
Entre duas phrases termas:
— Posso abrir melhor as pernas
Co'a linda saia calção.

MARIA CAXUXA

Um novo diario

Jornal de sensação

Brevemente virá á luz um novo diario. Deve agradar plenamente pela sua grande originalidade. Assume a sua direcção o nosso collega Eurico Zuzarte (Leão Grave) que trabalha com afan para o jornal sahir quanto antes. No proximo numero daremos mais noticias sobre o assumpto.

Grande garanhão!

Segundo noticias de Pariz o D. Manuel anda por lá agarrado á Gaby.

E ainda dizem mal da Republica.

A revolução para elle foi uma belleza; até o ensinou a atirar-se ás raparigas!

Excentricos

VII

Padre Eterno constou-me cá em baixo
Que tu tens uma barba tão comprida
Que se a fosses a pôr bem estendida
Chegaria d'aqui 'té ao Cartaxo!

Segundo diz alguem que esperto eu acho,
Tu trazes essa barba assim crescida
Porque estás ha seis mil annos n'essa vida
Sem te apar'cer um *Figaro* um diacho

Que os queixos te rapasse, meu patego...
Ora como no mundo tão velhaco
P'las barbas já não dão nada no *prego*

Como deram ao Castro; do meu caco
Dou-te um conselho bom, proprio d'um grego;
Vem ao Carmo rapa-las p'r'um pataco!

Viu-se Grego

No soneto antecedente onde lê *sube* é favor misericordioso colocar um *o* entre o *s e o u*.

A' borla

Disse «O Mundo» com este titulo, que o sr. Campos Henriques foi tranportado por grande percurso, em carro do estado.

Isto é uma republica tão bôa e tão tolerante que até anda com os thalassas ao collo!...

— Ai, filhos, que semana santa tão sêca!

— Sêca!? Ora essa!!...

— O quê? Não foi?... Sem uma montra enfeitada, sem uma tombola de amendoas...

— Pois sim, mas sêca não foi porque chuveu bastante.

— Ora!... lá está vocemecê com as suas coisas.

— E' por estar para ahi dizer que foi sêca, a semana santa!

— De certo!... Antigamente, a cada canto via-se uma montra enfeitada, confeitaria com caixas de musica e um throno com cestas de amendoas que até faziam crescer a agua na boca. E agora?... Nem raça!...

— Ora deixe-se d'isso!... E então as tendas não appareceram tão vistosas?... todas enfeitadas de louro... com bellos chouriços em grinaldos, presuntos...

— Já vejo que é apaixonada por carne ensacada....

— E os paios?... ai, filha, e cada paio!!...

— Não gosto.

— Pois eu dou tudo por um bocado de paio!..

— Ora, ora!...

— Até consola, pegar n'uma coisa assim...

— Pois cá por mim, não sou amante. Sou gulosa, bem sei, mas não está na minha mão.

— Eu tambem não desgosto de amendoas, mas hão de ser das grossas, d'aquellas que se mettem duas na bôca, e enchemna toda.

D'essas sim!...

— Já vejo que estamos em contradição, porque eu gosto mais das miudas.

— Ora!... Que disparate!...

— Então que quer? gostos não se disputam!

— (Houve uma pequena pausa, emquanto a Rita foi buscar uma porção de roupa).

— Pois é verdade, continuou ella ao voltar, foi uma semana santa muito chôcha... Nem peixe houve!

— Não me diga isso!...

— Porquê, houve?...

— Ora essa!... Pelo menos, lá para a Rua do Crucifixo, houve bastante sôlha!...

— Sôlha?!..

— Sim!... E para a Rua Nova da Palma!...

— E no largo dos Torneiros!...

— Pois olhe, lá para o meu sitio... nem por isso... a não ser uns linguados...

— Não me fale um linguado, que me faz lembrar o meu primo....

— Elle tambem gosta de linguado!

— Se gosta?... até se enrrosca, quando lhe arranjo algum para petisco...

— Pois eu, é peixe que não como ha annos.

— Sério?

— E' verdade.

— Então participa-lhe que ainda esta manhã, antes de vir para o tanque, tive um para o almôço.

— Ah!...

Até foi o meu primo que o trouxe já prompto, de fóra, e comemos os dois...

— Então vossemecê tambem gosta de linguado...

— Assim, assim, mas o paio... o paio é que é a minha perdilecção por este tempo!...

— Pois olhe, sabe o que lhe desejo?

— Não, diga.

— E' que arranje um paio que lhe encha bem a barriga...

— Talvez se arranje!...

Ariel

Elle é bem mau!

O maroto do Benevenuto acaba de abichar vinte contos que lhe deixou uma beata.

Apesar de tudo, ser padre, é ainda uma das coisinhas melhores d'este mundo!

O ZÉ no theatro

— Oh?

— Ah?

— Como estimo vê-la bella de saude e de encantos.

— E o cavalheiro como passa?

— Passo as passas do Algarve sem saber como conseguirei passar as noticias theatraes lá para o jornal.

— Essa é que me deixa mesmo *passada*. Então não estou eu aqui *seu Zé Pimenta?*

Estavamos fallando com uma simpatica e gentilissima corista de cabellos de ébano e ardentes olhos negros cujo nome a dignidade proficional nos impede de exhibir aqui escarrapachado com todos os ss e rr e mais letras do alphabeto. Aproveitamos a occasião, agora que não nos sahe da mente a gentil figurinha, de felicitarmos o director artistico do

Theatro das Variedades pela sua resolução de no dito treatro só admitirem coristas femêas. No dia 6 de maio com a revista «Pó de Perlimpinpin» inaugura-se a nova casa de espectaculos sendo autores da peça os engraçados comediographos Ernesto Rodrigus. Andrè Brun e Feliz Bermudes auctores da «Pensão da Pacheca» farça que foi o clou de festa em S. Carlos.

— Pois então escurrupiche lá o que sabe sem mais demora.

— Ora, vamos com ordem. No

Republica continua o emprezario dando ao publico todas as noites interessantissimos espectaculos com as peças de grande sensação «Bisbilhoteira», «N'um rufo», «Quatro cantinhos» e «Rosas bravas» que até mete em scena um cavallo branco de carne e ôsso. Em 21 com o «Kean» faz festa artistica a Angela Pinto sendo os principaes papeis desenpenhados pela primeira vez pelo Carlos d'Oliveira e Angela.

— Essa já cá se sabia. E pelo

Nacional que ha?

— Oh! meu amigo não me falle no Theatro Nacional Almeida Garrett (Uf, rapaz uma gemada) Aquillo está mesmo a pedir mais chuva ainda do que a que tem cahido agora.

— Eh!

— Admira-se? Pois se elles até deram a «Morgadinha de Val-Flôr» para estreia da sua *viage* ás *próvinças*.

— E agora vão levar á scena a «Infelecidade legal».

— Elles é que estão cheios de infelecidade.

— Quem dá no vinte é o

Gymnasio...

— Se elles até já levaram os «20 dias á sombra»...

— Todas as noites casas cheias. Com um reportorio de primeira ordem para fazer rir os mais sisudos não cessam de causar surprezas ao publico.

— Até o Christiano fez a fesat com as «Surprezas de divorcio».

— Eu não vi ainda mas tambem não encontrei ainda pessôa alguma que lá fôsse que não diga maravilhas de desempenho, da peça, de tudo.

— Ahi só o que é pena é a *muita afinação* do sexteto.

— Lá isso é verdade.

— Mas quem quer ouvir bôa musica vae ao

Colyseu dos Recreios e lá tem opera como raras vezes nos tem sido dado apreciar e applaudir. Com Galvany á frente o elenco compõe-se de um grupo de artistas consagrados pelas plateias mais exigentes.

— Isso quer dizer que continua sendo Antonio Santos o homem que mais arrojo tem para bem servir o publico.

— Sem duvida. Só elle nos traz companhias extrangeiras. Da revista *Agulha em Palheiro* que novas me dá?

— Nenhumas. A peça continua dando enchentes mantendo-se o publico em constante risota.

— O que não admira pois a piada é bôa e muito gasta. Além d'isso os pinotes do Nascimento Fernandes, o jesuita miudinho e os maxixes da Dorinda tambem lá chamam muito gente.

E quem esfrega as mãos é o Ruas que vê ser o **Apollo** um dos theatros mais preferidos pelo nosso publico.

— E na

Trindade como vão os negocios?

— Tendo lá artistas como Palmira Bastos, Medina, Leitão, Antonio Gomes etc. como hão de ir?

— Optimamente, sim, mas ás vezes o publico tem caprichos.

— Qual historia. O que elle quer é boas peças bom desempenho, bôa musica e preços rasoaveis e tudo isso ha na Triudade.

— E que mais ha?

— O' homem já tenho a garganta secca. Mas vá lá você é cara direita.

— Obrigadinho.

— No **Moderno** a revista «Raios e Coriscos» nunca mais sahe do cartaz. No

Rocio-Palace o vandeville «Duro com duro» com musica de Offenbach continua em scena com grande successo, e por fim dir-lhe-hei que no

Avenida esta em ensaios a revista do aplaudido Celestino da Silva «E' provisorio» cheia de originalidade e pilheria e no

Rua dos Condes os pretos não tardam a mostrar ás gentes que tambem cantam como gente.

— E espera-se com anciedade a sua estreie. Pois creia que no meu coração fica uma agua furtada agora disponivel ao seu dispôr por tantas informações e mande sempre cá no Zé.

— Adeus, adeus e vá lá que andou com sorte em eu lhe ligar.

— E dar á lingua até fartar.

....

E foi-se. Nós por instantes observamos á gentil creatura que a pouco e pouco se ia confundindo na multidão até que a correr viemos escrever o que nos haviam dito.

E tenho dito.

Zé Pimenta

Praça do Campo Pequeno

Não permittindo o mau tempo que no Domingo se realisasse a corrida annunciada, teve ella que ficar trasferida para o proximo dia 23, com os mesmos elementos, portanto nada se perdeu com a demora, podendo da mesma forma todos irem no Domingo, admirar o trabalho dos distinctos artistas Revertito e Rerre.

A cavallo toureiam Eduardo de Macedo e José Casimiro e a lide de pé está confiada a Theodoro, Cadete, Manuel dos Santos e Thomaz da Rocha que faz a sua reapparição. Com tão bellos elementos não deve ficar um logar vago.

Terá força para se sustentar até ao embate da ultima onda?...